

## Sarney na televisão

O presidente José Sarney continua a apreciar como observador a campanha sucessória. Acha ele que se Fernando Collor tivesse plena consciência do papel que desempenha (coisa que lhe parece não estar acontecendo), poderia tornar-se, efetivamente, um fato novo na política brasileira. Para ele, a confluência de setores tão variados na opinião pública em torno desse candidato, indica um repúdio generalizado aos partidos, que dominam a cena, e aos políticos, que se identificam com um Congresso desprestigiado. O povo está realmente querendo uma coisa nova, diferente do que aí está.

Na entrevista à Rede Bandeirantes, programada para amanhã mas a ser gravada hoje, Sarney pretende responder com clareza a qualquer pergunta que lhe seja feita. Entende o presidente que a opinião pública não está motivada, por falta de esclarecimentos adequados, para avaliar a importância de reuniões como a de Paris, onde, durante dois dias, 33 presidentes de nações da Europa, América, África e Ásia tiveram oportunidade de conversar informalmente sobre os problemas atuais do mundo. Ele, por exemplo, teve conversas muito úteis com Bush, Thatcher, Mitterrand e com Rajiv Gandhi, além da renovação de diálogos com interlocutores habituais.

Quanto ao custo da viagem, lembra Sarney que Geisel e Figueiredo levavam ao exterior, a bordo de dois Boeing especialmente fretados, comitivas muito maiores do que as dele, sem que isso jamais provocasse reparos dos jornais. Isenções fiscais e incentivos dados a certos grupos empresariais beneficiados pela legislação representam ônus muito maiores para o erário. Sarney dispõe-se a dizer nomes.

*Carlos Castello Branco*